

XV Seminário de Voz da PUC-SP

A partir das discussões que ocorreram na IV Mostra de Estudos e Pesquisas sobre Voz, ocorrida em junho de 2005, optamos por discutir no **XV Seminário**, a questão da subjetividade, por ser um aspecto que todos os profissionais em geral reconhecem como importante quando se fala sobre a voz, mas que tem sido pouco estudado e pesquisado por nós.

O evento foi iniciado com uma homenagem póstuma ao Dr. Mauro Spinelli (proferida pelo Dr. Alfredo Tabith Jr., seu discípulo e também nosso mestre), até porque dentro da área dos Distúrbios da Comunicação, o nosso querido Dr. Mauro foi o que melhor entendeu e estimulou o olhar para além do orgânico!

Convidamos dois profissionais de outras áreas (Chantal Rousseau - formada em Medicina física de reabilitação e Dany Al Behy Kanaan - psicólogo clínico. As colocações destes profissionais somadas com as contribuições da Fonoaudiologia (representada pela Fga. Laura Märtz) deram subsídios para as discussões em grupo, fazendo o contraponto com as nossas formas de atuação: clínico-terapêutica, assessoria e promoção de saúde/prevenção de alterações vocais.

Sumário

PROGRAMAÇÃO	02
COMISSÃO ORGANIZADORA	03
APRESENTAÇÃO - Profa. Dra. Léslie Piccolotto Ferreira	04
HOMENAGEM PÓSTUMA – MAURO SPINELLI - Prof. Alfredo Tabith Jr.	06
MESA REDONDA - Chantal Rousseau	09
MESA REDONDA - Dany Al Behy Kanaan	19
MESA REDONDA - Laura März	35

PROGRAMAÇÃO

Dia: 04 de novembro de 2005

Horário: 09:00 às 18:00

**Local: Rua Ministro de Godoi, 984
Anfiteatro 333**

09:00 Abertura

Profa. Dra. Léslie Piccolotto Ferreira

09:15 Homenagem Póstuma ao Dr. Mauro Spinelli

Prof. Alfredo Tabith Jr.

09:30 Mesa redonda: Corpo, voz, linguagem: Expressões da subjetividade

09:30 – Chantal Rousseau

10:10 – Dany Al Behy Kanaan

10:50 Intervalo

11:00 – Laura Märtz

Debate

12:00 Almoço

14:00 Divisão dos participantes em grupos para discutir a intervenção clínico – terapêutica, de assessoria e de promoção de saúde sob o olhar das discussões ocorridas pela manhã.

15:30 Apresentação dos resumos das discussões dos grupos

17:00 Apresentação musical: "Cante de lá que eu canto de cá".

Sonia Coelho e Simone Essi (voz) e Ogair Júnior (teclado).

COMISSÃO ORGANIZADORA

REALIZAÇÃO: Laborvox– Fonoaudiologia PUC-SP

- **Professoras**

Léslie Piccolotto Ferreira
Marta Assumpção de Andrada e Silva
Lucia Helena Gayotto
Laura Märtz
Flávia Steuer
Susana P.P. Giannini

- **Mestrandas**

Ana Carolina de Assis Moura Ghirardi
Ana Elisa Moreira-Ferreira
Daniela Santos
Érika Soares de Almeida Martins
Flaviana Camargo Vilela
Janayne Cunha Barbosa
Juliana Bueno Azevedo
Juliana Passos
Luciana Vieira Dias Alves de Oliveira
Maristela Gomes Monteiro
Renata Ferrari
Sônia Coelho de Oliveira
Tatiana de Abreu Castro Gonçalves.
Vitória Amaral

Apresentação

Léslie Piccolotto Ferreira¹

A temática do Distúrbio de Voz Relacionado ao Trabalho esteve presente em nossos Seminários durante os últimos sete anos! Por ocasião do Seminário de Voz de 2004, foi possível, em parceria com o CEREST, encaminhar um documento ao INSS e ao Manual das Doenças Relacionadas ao Trabalho do Ministério do Trabalho, e nesse momento numa sensação de dever cumprido (e cumprido....) acreditamos que poderíamos enveredar por outros caminhos, não abandonando as questões da chamada Voz Profissional, mas verticalizando sobre algum assunto que a contemplasse e nos completasse como terapeutas ou profissionais atuando em assessoria, promoção de saúde ou prevenção de alterações vocais.

Dessa forma, tomando as discussões que ocorreram na IV Mostra de Estudos e Pesquisas sobre Voz, ocorrida em junho deste ano, optamos por discutir neste momento a questão da subjetividade. Nesse evento ficou claro que este é um aspecto que todos os aspectos reconhecem como importante quando se fala sobre a voz, mas que tem sido pouco estudado ou pesquisado por nós!

Segundo Jeruzalinsk (2004) " A voz que falha pode constituir-se como uma manifestação somática do padecimento psíquico do sujeito [.... e] o conflito, que não pôde ser representado, comparece fazendo obstáculo ao funcionamento da voz. Daí a pertinência de interrogar o que esta voz que fracassa em sua execução nos diz de modo cifrado acerca do padecimento do sujeito".

Entendemos assim que, se as nossas intervenções trazem cada vez mais subsídios para entender o orgânico, por conta dos avanços tecnológicos, seria mais do que oportuno (para não perdermos o bonde (ou o metrô....) da história), como tem sido

¹Professora Titular da PUC-SP; Coordenadora do Laborvox da PUC-SP
leslieferreira@yahoo.com

feito por outras ciências que tem a intervenção como objeto de estudo e pesquisa, estarmos atentas para a necessidade de uma atuação inter/transdisciplinar da voz, que considere as questões do psiquismo. Em outras palavras, discutir uma Intervenção que não abandone os aspectos orgânicos (mesmo porque nas questões relacionadas à voz eles se fazem presentes de forma muitas vezes escancarada e acabam até camuflando os de outra natureza...), mas que possam nos fazer entender aquilo que está posto para além do orgânico intrincado no sintoma....

Convidamos dois profissionais de outras áreas (uma é formada em Medicina física de reabilitação - Chantal Rousseau e o outro, psicólogo clínico – Dany Al Behy Kanaan) que junto a Fonoaudiologia (representada pela Laura Märtz) dará, no período da manhã, subsídios para as discussões em grupo, que se seguirão no período da tarde, fazendo o contraponto com as nossas formas de atuação – clínico-terapêutico, assessoria e promoção de saúde/prevenção de alterações vocais.

Evidente que este evento não poderia deixar de ser iniciado com mais uma homenagem póstuma ao Dr. Mauro Spinelli (que será proferida pelo Dr. Alfredo Tabith Jr., seu discípulo e também nosso mestre), até porque dentro da área dos Distúrbios da Comunicação, o nosso querido Dr. Mauro foi o que melhor entendeu e estimulou o olhar para além do orgânico!

Vamos torcer para que com esta iniciativa (e com a ajuda dele...), encontremos uma direção ponderada para podermos formalizar um pouco mais aquilo que é sentido por todos nós, mas como dito anteriormente, pouco literalizado....

HOMENAGEM PÓSTUMA - Dr. MAURO SPINELLI

Alfredo Tabith Jr.

Gostaria inicialmente de deixar consignada a minha gratidão pela honra que me conferiram, os organizadores deste evento, de poder fazer esta homenagem ao Mauro, amigo e colega de longa data.

Pode parecer paradoxal, mas falar de Mauro é muito fácil e, ao mesmo tempo, muito difícil. É fácil falar de alguém que foi em vida um exemplo de homem, de colega e de profissional. É muito difícil porque tenho medo de não conseguir transmitir a vocês a exata dimensão de sua grandeza.

Formou-se Mauro na mais conceituada escola de medicina deste país em 1954, na Universidade de São Paulo. Foi responsável pela criação do serviço de foniatria do Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo. Foi responsável pela criação do curso de Fonoaudiologia da PUCSP, em conjunto com Julio Bernaldo de Quiros e Ana Maria Popovic. Trabalhou intensamente em todos os momentos de transformação deste curso, bem como nos importantes períodos de evolução da fonoaudiologia brasileira, levando a de uma atividade sequer reconhecida oficialmente, até a posição que atualmente ocupa no cenário das profissões deste país.

Assume a direção do Instituto Educacional São Paulo, escola especializada na educação de crianças e jovens surdos em 1967 e, já em 1969, promove sua incorporação à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, criando a Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação da PUCSP. Com sua capacidade de liderança e de aglutinação organiza uma equipe multidisciplinar, a qual, sob sua orientação, dá início às primeiras pesquisas no campo dos distúrbios da audição, da voz e da linguagem.

Foi responsável pela constituição do Programa de Pós-graduação em Distúrbios da Comunicação, atual Programa de Estudos Pós-graduados em Fonoaudiologia. Iniciou também o curso de Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade de Campinas.

Dizia Pedro Bloch que a melhor ou a pior coisa que se pode dizer de um homem é, simplesmente, repetir o seu nome em voz alta. Se sua vida foi uma sucessão de dias sem luz; se sua existência se fez estéril e sem perspectivas; se o que deixou de si não enriqueceu seus semelhantes; se tudo o que realizou só ecoou no vazio; seu nome soará destimbrado, sem harmônicas, sem ressonância no coração de seus contemporâneos.

Se, ao contrário, iluminou caminhos, se fez de sua vida uma continua sementeira para que outros pudessem colher, sem temporais ou geadas; seu nome será, sempre, motivo de reconciliação com a condição humana, um exemplo a desenvolver, uma afirmação de valores permanentes e eternos.

Existe algo muito simples e que nem sempre notamos que é a importância de ser contemporâneo, de viver na mesma época, de partilhar, de dividir, de sentir junto, de questionar permanentemente, procurando encontrar denominadores comuns, com pessoas incomuns.

A melhor coisa que se pode dizer de Mauro Spinelli é pronunciar, simplesmente, unicamente, seu nome em voz alta. Assim está dito tudo, porque sua obra é tão patente, tão translúcida, tão presente, tão parte de todos nós, que comentá-la seria um pleonismo dela própria.

Mauro era um constante retificador do saber. Junto com sua equipe de trabalho procurava com palavras suas entender a palavra de todos, penetrar-lhes os segredos, divulgar o que criava e aprendia.

Quando Guimarães Rosa foi criticado por escrever difícil dizia: “eu não escrevo difícil ; eu simplesmente sei o nome das coisas” Saber o nome das coisas é realizar-se na condição mais humana. Mauro sabia o nome das coisas e conhecia as coisas em todas as dimensões. Cada palavra sua surgia numa dimensão de coisa investigada, analisada, aprofundada, vivida.

A homenagem que lhe prestamos nos honra a nós mais que a ele. Diz o ditado oriental que o perfume das flores fica nas mãos que as oferecem. Cada um de nós ficou com algo de Mauro. Os amigos que temos são pedaços de nós mesmos que dividimos e reencontramos. Mauro foi um amigo inteiro.

Daqui para frente e a cada dia que passar, nos daremos conta de sua importância. Nos obrigou sempre a uma renovação constante, apontando caminhos e provocando saber. Era, sobretudo, gente, num mundo quase despovoado de pessoas humanas.

Dizia Nietzsche, filósofo do niilismo, que “a morte nos deixa a grande vantagem que não morreremos jamais” Assim podemos dizer que Mauro viverá eternamente em nossas mentes e em nossos corações.

MESA REDONDA

Chantal Rousseau

O CORPO CONTINENTE DO SER HUMANO

Gostaria de comentar um pouco, o título desta fala. Para mim o continente significa o que contém todas as estruturas, todos os sistemas, onde todos os conteúdos se originam, se organizam, se relacionam e se exprimem. Nós que trabalhamos atendendo pacientes que nos trazem seus corpos com um sintoma, síndrome ou doença dita física, temos que estar disponíveis para escutar e tratar todas as expressões que podem vir a emergir deste continente. É preciso desistir da clássica divisão entre corpo e a mente, embora nosso ponto de partida e de chegada seja a queixa corporal, motivo pelo qual o paciente nos procurou. À medida que o sintoma vai revelando suas diversas camadas de expressão, passando pelo aparelho psíquico, pela rede cognitiva, etc, começa a se estabelecer um sentido, uma consciência sensorial ampliada que, por si, modifica os sintomas fixados no físico, promovendo uma circulação.

Gostaria aqui de comentar, se bem que muito superficialmente, colocações de dois autores que por caminhos diferentes chegam a um consenso comum: a homeostase. Esses autores são: Damásio neuro-cientista e J.D.Násio psiquiatra e psicanalista.

Damásio, que eu elegi como o representante da neurociência (ele não é o único, mas ele tem como vantagem, ter saído da clausula dos laboratórios e do hermetismo da linguagem científica para escrever, e bem, para nós leitores comuns). Ele defende e prova pelas imagens e pela clínica que até a razão tem suas raízes no corpo, no biológico e que nosso sentimento não passa de noção que o cérebro cria e interpreta sobre o estado dentro do qual o corpo se encontra. Estados de espírito como tristeza e amor, são manifestações de um mecanismo biológico responsável pelo equilíbrio geral do organismo, a homeostase.

J.D.Násio, o autor, que atualmente dirige os Seminários de Psicanálise de Paris, depois de ter lecionado psiquiatria e psicanálise por trinta anos na Sorbone, foi me apresentado por uma amiga que me deu “O Livro do Amor e da Dor”. Nesse livro Násio faz uma tentativa de definir e classificar as dores: as dores do amor ou dores psíquicas que aconteceriam fora do corpo, entre o sujeito e o objeto amado, nos laços relacionais e afetivos; e as dores do corpo que aconteceriam na carne, dentro do corpo...Mas por mais que ele tente sustentar esta classificação, dentro e fora do corpo, fica claro que elas são a expressão de uma mesma situação: uma ruptura brutal da homeostase.

Para Násio, a dor corporal causada por um ferimento (trauma) se localiza na carne, dentro do invólucro de proteção do ser que é o corpo, assim ele define a dor corporal. Quando o trauma se situa além do corpo, entre o sujeito e o objeto, a dor é dita dor de amor ou dor psíquica. De fato a ruptura de um laço amoroso provoca um estado de choque semelhante àquele que é introduzido por uma violenta agressão física, a homeostase do sistema psíquico é rompida, e o princípio do prazer é abolido. Podemos observar que é exatamente o que acontece com as dores corporais, lá o trauma provocado pela ruptura da barreira periférica também é a quebra da homeostase. Embora Násio tente estabelecer a diferença entre dor psíquica e dor física, não podemos deixar de pensar que elas tem algo em comum. Cito Násio: “a dor psíquica ou a dor de amor é o fato que resulta da ruptura brutal do laço que nos liga ao ser ou a coisa amada. Essa ruptura violenta e súbita suscita imediatamente um sofrimento interior, vivido como um dilaceramento da alma, como um grito mudo que jorra das entranhas” (1). Como não imaginar que ele, ao descrever a dor psíquica, esteja também descrevendo uma vivência corporal? Quando formos capazes de entender a homeostase como a constante participação e relação de todos os sistemas humanos, todos eles acontecendo, se relacionando e circulando no continente humano, poderemos vislumbrar a unidade fundamental.

Gostaria agora de lhes contar dois casos, para exemplificar o que tento abordar nesta introdução. O primeiro caso é muito antigo (1980) e o segundo muito recente (Junho/2005).

O primeiro eu chamei de o menino o seu berço e o segundo eu chamei a mulher em seu gesso:

CASO 1: O menino e o berço.

Um casal de estrangeiros original de um país próximo do Brasil, me consultou a respeito do seu filho de aproximadamente 11 anos. A mãe relata que durante as férias na praia, eles perceberam algo diferente nas costas do filho. Na volta, marcaram uma consulta com um ortopedista, que depois de pedir raio x da coluna e examinar o menino, deu como diagnóstico “escoliose ideopática” (isso significa escoliose sem motivo). Pela idade da criança e pelo grau do desvio, a conduta seria colocar um colete até acabar o crescimento e se isso não fosse suficiente, proceder a uma cirurgia corretiva. Os pais ficaram assustados e resolveram consultar outros profissionais.

No exame de raio x, o que chamou minha atenção foi a estranheza da curva principal, uma dorsal alta, acentuada envolvendo a cintura escapular direita, com pouca curva secundária, esta focalização, que escapa da lógica geralmente encontrada nas escolioses ideopáticas, me parecia mais um sinal mais da existência de um motivo para a tal curva.

O exame de pé confirmou o apontado nas radiografias. Continuei o exame pedindo ao menino para deitar-se na mesa de exame (é uma mesa encostada na parede, com almofadas rígidas apoiadas na parede), eu comecei a tocar as organizações das tensões musculares. Após um certo tempo, chego a pensar que a presença das almofadas justificava a posição estranha que o braço e a mão direita da criança apresentavam. Removi as almofadas, pensando que assim ele teria mais espaço e mudaria a posição do membro superior. Como isso não aconteceu, eu lhe perguntei:

“Por que você segura a sua mão assim?”

Ele que estava de olhos fechados, parecendo gostar do toque, e respondeu: “Estou segurando a grade da minha cama!”

A mãe, que estava em silêncio até então, interferiu: “Mas, meu filho, a sua cama não tem grades!”

Ele, ainda de olhos fechados e um pouco perplexo por essa intervenção, respondeu: “Ela tem sim!”

Os pais ficaram um momento em silêncio, e a mãe começou a falar emocionada: “Não. Só teu berço de bebê tinham grades, mas isso quando você era muito pequeno e, quando nós tivemos que fugir, sua cama ficou lá”.

O pai entra na conversa e diz à mãe: “Você lembra como todos achavam legal, eles nunca estranhar quando a gente trocava de lugar o tempo todo para se esconder? Ele dormia em qualquer lugar, nunca chorava como as outras crianças. Parecia que para ele estava tudo bem. Ele nunca estranhava...”

Os pais ficaram muito emocionados, a mãe chegou a chorar. Aqui se desenrolava uma longa história de fugas, medos, mudanças; história carregada de lembranças e emoções. O casal foi ativista político em seu país de origem. Viveu algum tempo na clandestinidade até conseguir, através de uma embaixada, emigrar para um país europeu. Tentaram viver lá, mas por fim preferiram vir para o Brasil.

Durante todo esse tempo, o menino permaneceu de olhos fechados, “agarrado ao berço”, prestando muita atenção, tocado pelas palavras dos pais e pelas minhas mãos. Eu que tinha continuado a massageá-lo durante toda a conversa sentai embaixo dos meus dedos a dissolução de tensões, como se derrete o gelo no sol.

Eu perguntei: “E aqui, faz tempo que vocês estão?”

Eles: “Três anos”.

Eu: “É definitivo?”

Eles: “Sim, estamos nos fixando aqui, refazendo nossas vidas”.

Nesse momento, eu peguei a mão do menino e o ajudei a “soltar a grade”, ao mesmo tempo em que disse: “Acho que agora você já pode soltar, passou. Não vai precisar mais, não é?”

Coloquei o braço dele perto do corpo e, depois de algum tempo, disse: “Você sentiu como seu braço soltou?”

Ele me olhou parecendo que o que eu havia dito era óbvio...

Quando ele voltou a ficar de pé, a escoliose não estava mais lá. Para não ficar só no subjetivo, pedi aos pais para tirarem uma nova radiografia. Com base em um novo exame, decidiríamos a conduta.

Uma semana depois, a mãe veio com o menino e o raio x. O que restava da curva era tão pouco, que não havia necessidade de um tratamento específico. Mas como o menino estava em fase de crescimento e parecia ter um corpo tão plástico, nós decidimos que ele voltaria com um raio x a cada seis meses, durante três anos. Após essa fase, ele foi examinado uma vez por ano, até ter ultrapassado o período de crescimento. E isso foi sem que a escoliose reaparecesse.

CASO 2: A mulher e seu gesso.

A paciente é uma mulher de 50 anos, casada, 2 filhas, advogada, a chamarei de M. M foi me indicada por uma colega de consultório, que a atendeu desde de 2001, esporadicamente, quando ela tinha crises (mais ou menos 30 sessões.) Essa colega disse que ela talvez precisasse de uma outra abordagem, uma outra escuta, o que M aceitou. (Antes de atendê-la estudei o relato de todos os seus tratamentos, fato que eu comuniquei com M antes de iniciar a primeira sessão comigo).

Relato das crises: eram mais ou menos três por ano , quando carregava peso, na tpm todos seus sintomas pioravam, às vezes ela não podia encontrar o motivo da crise. As crises demoravam de dois a três tratamentos para ceder, mais relendo as fichas eu constatee que freqüentemente, na melhora da manifestação inicial, instalava-se uma outra manifestação álgica num outro lugar por exemplo, da bacia passava para o pescoço. Às vezes tinha enxaquecas, especialmente na fase da tpm. Esta manifestação

secundária, menos dolorida, demorava dois a três tratamentos para se resolver. Estas crises na bacia se apresentavam com dores lombares baixas L5-S1 bem centralizadas, que a imobilizavam, não podendo mais flexionar o tronco para frente. Ela também apresentava crises de enxaquecas violentas com náuseas que a impediam de trabalhar. A dor era mais forte quando a crise acontecia na fase da tpm. Em 2002 um novo sintoma a assustou, um dia ela acordou com as mãos inchadas, formigando, o dedinho da mão esquerda chegou a ficar arroxeadado. Foi ao reumatologista, todos os exames deram negativos. Foi ao neurologista, que diagnosticou doença de Reynaud. O ortopedista, achou que era um problema de coluna vertebral. Ela relatou ter tido um acidente de cavalo, fraturou a bacia, motivo pelo qual ela não pôde ter partos normais. Ela tinha 20 anos, nesta ocasião.

1ª sessão : eu lhe digo que estudei seu caso clínico, relendo seu dossiê e, sendo assim, estou à par de todo o seu histórico, (mas já que vamos ter uma outra abordagem não vamos voltar a mesma fonte de registros).

Ela me diz :”cuidado eu estou saindo da crise, já estou melhorando mas ainda sinto meu lado esquerdo dolorido, pesado, muito frágil”.

Eu respondo: “então vamos começar por ele”. Peço-lhe para ficar bem atenta ao gesto que minhas mãos vão fazer e o que isso lhe faz sentir, deixando que qualquer coisa que apareça possa ser expressa. Eu lhe digo que feche seus olhos, para ficar mais atenta as suas sensações, e peço que se deite sobre seu lado direito, travesseiro embaixo da cabeça, joelhos dobrados com um pequeno travesseiro entre os joelhos, sobre um lençol térmico (está muito frio este dia), deixo-a o mais confortável possível para permitir a regressão corporal.

Aqui vou lhes mostrar o que eu fiz com a paciente, o toque é bem leve, eu saio da largura da crista ilíaca esquerda, na altura da cintura e vou seguindo (de fora pra dentro) até chegar no sacro esquerdo. Repito este gesto algumas vezes, com a mesma pressão e direção para gerar uma memória. Eu pergunto pra ela: “Está OK?”. Ela responde: “É gostoso!, parece que você está passeando num caminho conhecido”.

Quando eu inicio a mesma coisa, mas mudando de direção, saindo do sacro para ir em direção da sua cintura, ela diz: “pára, eu não gosto, dói muito, minha crise vai voltar! Assim não dá!”

Eu: “Abra os olhos?” Peço para que fique o mais possível presente para que possa reconhecer o que minhas as mãos estão fazendo. A pressão é igual a anterior, deixando que a recepção sensorial nociceptível da periferia, de sua pele, seja registrada e recebida logicamente no seu mental e assim conseguir diferenciar a sensação periférica da resposta expressiva “Dói, dói muito, pára”, digo que parece haver um sofrimento projetado, que não podia ser provocado por meu gesto igual ao anterior e tão leve, no mesmo lugar, quando eu só sugeri uma direção oposta. Começo pouco a pouco a lhe pedir para separar o sofrimento que esta direção despertava da periferia para o cognitivo, tentando separar um do outro a fim de que essa nova direção seja liberada e volte a uma sensação periférica, como uma simples direção cabível, como a outra, para que dentro do seu lado esquerdo tão frágil e dolorido, seja devolvida a possibilidade de circular em si mesmo nas duas direções e que este trânsito liberado faça sentido novamente.

Ela me pergunta: “mas porque que doía tanto? Eu não estava inventando a minha dor!” Respondo: “eu sei, mas por enquanto podemos somente registrar que está direção tem um sofrimento projetado, que precisa ser revelado, mais tarde vai aparecer à resposta que você procura”. Fim da 1ª sessão

2ª sessão: Ela diz que seu lado esquerdo ficou bom e leve, mas seu lado direito ficou esquisito. Diz: “acho que ficou com ciúme”. Respondo: “não por isso, vamos conversar com ele agora”.

Mesma posição, mesmo sitting, mesmo cuidado que na primeira sessão, só que agora deitada sobre o lado esquerdo. Eu faço exatamente a mesma coisa, 1º de fora pra dentro, repito algumas vezes, da cintura direita deslizando da crista ilíaca até chegar no sacro.

Quando eu inicio na direção oposta, no lugar do “Dói, dói, dói muito” aparece um franzido do nariz, ela abre os olhos até terminar este caminho, na 2ª vez ela

desfranze o nariz, fecha os olhos e após algumas vezes, eu lhe pergunto: “Está tudo bem?” Ela: “É, está bom”. Então eu: “Então deite de barriga pra baixo, nesta posição, vamos trabalhar os dois lados juntos (mesma seqüência), após algumas vezes, ela: “Estranho, mas eu acho que se você insistisse mais nessa direção (de fora para dentro) poderia fabricar a sensação de peso que eu sinto sempre lá em baixo na base da minha coluna, que sempre é pesado, mesmo sem estar numa crise”. Iniciando os dois lados, mas agora de dentro pra fora repetindo algumas vezes. Ela: É gozado, mas agora esta direção é mais agradável do que a outra, você se lembra de como era o contrário?” Eu: “Lembro bem, mas que bom que você reparou também. Então eu digo a ela o como a sua posição deitada de barriga pra baixo é estranha (a posição dos membros inferiores, dos pés, espinha ilíaca antero-superior sem contato com o colchão, parecem levitar). Ela: “Como seria você deitando de barriga pra baixo? Eu: “Deixe que eu vou colocar você na posição” Eu coloco suas coxas um pouco mais separadas, os pés pra dentro e não completamente virados pra fora” Ela: (rindo) “Está louca?, se isso é normal pra você, pra mim seria circo. Fim da 2ª sessão.

3ª sessão: Ela: “Fiquei bem lá embaixo na minha coluna”.

Eu: “Então hoje você vai se deitar de barriga para cima”. Deixo-a coberta e confortável e observo o púbis muito saliente, estreito. As duas coxas juntas até se fundir em uma só, as duas coxo-femorais em rotação interna, as linhas das virilhas desapareceram pela fusão coxo-bacia. Os joelhos estão levemente flexionados, os pés são finos, azuis, gelados, com os dois calcanhares “dentro da barriga das pernas”, sumidos. Eu lhe falo: “Sabe, nós somos bípedes, temos dois membros inferiores, um esquerdo e um direito, você me parece mais uma sereia, até seus pés me lembram duas nadadeiras azuis”.

Ela: “Gosto de sereia, mas como seria, não ser uma sereia?”

Eu: “Deixe eu fazer você sentir, no lugar de somente falar, feche seus olhos e fique bem ligada, nos gestos das minhas mãos e o que elas vão fazer você sentir e deixe seu mental exprimir o que ele sente”.

Eu inicio na região da virilha esquerda dela, de fora pra dentro, saindo da coxo-femoral esquerda, até chegar aos adutores. Repito algumas vezes e lhe pergunto: “Está OK?” Ela: “OK gostoso”. Eu faço a mesma coisa na coxa direita, depois nas duas coxas ao mesmo tempo, sempre de fora pra dentro. Eu pergunto: “OK?” Ela: “OK!”. Quando eu inicio na coxa esquerda (mesmo lugar, mesma pressão) mas em direção oposta, saindo de dentro pra ir para fora. Ela começa: “Pára, dói muito, muito mesmo, não vai dar, vai quebrar de novo...” Lá a carga de medo, emoção, sofrimento que aparece na fala dela é muitíssimo maior do que aquela expressa na primeira sessão. Ela abre os olhos, vira do lado direito, se cobre, junta os dois joelhos e chora, depois começa a falar: “Sabe, quando eu tive o acidente, quando quebrei minha bacia, fiquei jogada no chão, pernas abertas, , lá fiquei muito tempo, assim pernas caídas uma para cada lado, roladadas pra fora, quando eu tentava fechar, doía tanto que por mais que eu tentasse não dava, parecia que não mandava mais nelas, eu não sentia mais as minhas pernas, somente dor na minha bacia, eu pensei que tinha quebrado a coluna e ficado parálitica. Demorou muito tempo para me resgatarem e chegar a um hospital civilizado, eu naquele horror, só pensava que estava parálitica, que pavor! Somente no dia seguinte quando me puseram no meu gesso e numa tração, que eles recolocaram minhas pernas juntas, lá dentro do meu gesso eu senti de novo que eu podia sentir os meus pés, senti que não estava parálitica, foi um alívio que você não pode imaginar, tanto que ninguém entendia porque eu nunca me queixei nem do gesso nem da tração, eu amei meu gesso como ninguém podia imaginar, graças a ele eu saí do pavor e recuperei a certeza de voltar a ficar inteira de novo, era só uma questão de tempo”.

Eu: “Quando nos acontece uma ruptura brutal em nosso corpo, é um sofrimento e uma fragilidade tal que o gesso é sentido como um objeto reconfortante, um objeto afetivo e nós o introjetamos, incorporamos, graças a nossa incrível plasticidade, e ele passa a ser gravado em nossas organizações psicomotoras, em nossa carne, tecidos, músculos, articulações, numa memória inconsciente, e assim nós o fazemos ”nosso”, em nós mesmos, retendo a sensação do objeto externo, a possibilidade de sair do sofrimento e do pavor que a ruptura provocou. Ele é incorporado, e sem perceber, vamos fixar ou sustentar a ligação com ele pelo laço afetivo. Quando estivermos refeitos e recuperados,

permaneceremos engessados internamente, sendo assim perdida a liberdade do nosso continente. Liberdade de circular livremente em si mesmo em todas as direções e pulsões. Isso provocará um desequilíbrio da homeostase e lá está a origem das nossas futuras dores, algias crônicas. Fabricando assim uma construção no lugar de um continente. Sabe, vamos ter que fazer aqui o luto do seu gesso. Você vai ter que, conscientemente, fabricar seu gesso e “desfabricá-lo”. Volta de barriga pra cima, pernas roladas pra fora, abertas, escancaradas, como quando você caiu no chão. Agora volta dentro do seu gesso (eu não precisei explicar como, na hora, sozinha, ela sabia com uma precisão perfeita, remontar, interiorizar e assim engessar-se), agora devagar eu vou te ajudar, mostrando os caminhos para sair do seu gesso. Não tenha medo, se você precisar, quando você quiser, volta rapidinho dentro dele. Vamos trabalhar, entrar no gesso - sair do gesso, repetindo conscientemente muitas vezes para que a circulação, o trânsito se refaça deixando estas direções fazerem sentido de novo, as direções para sair dele e para entrar nele, experimentando assim fazer o luto do seu gesso incorporado para você experimentar ficar sem ele, fora dele e isso sem encontrar o sofrimento, o medo da ruptura brutal que aconteceu no acidente. Deixe tudo o que você sentir fazer sentido, ela ser registrado na memória.

Eu lhes contei esse 2º caso, para falar dessa dor crônica, que se agudiza durante as crises, essa dor apresenta tal complexidade que somente pode ser tratada por uma abordagem abrangente. É preciso reconhecer que a dor não é um produto final da transição de um impulso nociceptivo de um órgão receptor para uma área de interpretação, tratá-se de um processo dinâmico de percepção, interpretação, memória de uma vasta rede, e estímulos, alguns provenientes de males existentes, outros de construções do inconsciente.

Tratar um paciente que tem tais sintomas, exige a análise de todos os aspectos de suas condições, uma escuta dos diferentes sistemas a fim de restabelecer uma circulação entre os vários conteúdos permitindo assim à volta da homeostase do complexo continente que é o corpo humano.

(1)Násio, J-D, “O livro da dor e do amor”

MESA REDONDA

Dany Al Behy Kanaan

ESCRITA, ESCUTA E SUBJETIVAÇÃO

Escrever é lidar com a absoluta
desconfiança. (*Clarice Lispector*)

Quem nunca viveu a experiência de, aparentemente do nada, se pegar com um trecho de música na cabeça, um poema ou um verso deste, uma frase ouvida em uma conversa etc.?

Se, à primeira vista, este fato pode nos passar despercebido, ao nos pormos a pensar nele, descobriremos, com certeza, um sentido, que tem a ver com o momento que vivemos. Podem experimentar!

Bem, em outras palavras, o que gostaria de dizer é que “nada é por acaso”. Ou seja: nós estamos implicados em tudo o que fazemos, pois estamos sempre em contato com alguém, alguma coisa, sendo assim, estamos sempre produzindo sentido, interferindo e sofrendo a interferência de tudo aquilo com o qual nos relacionamos.

O que podemos concluir, nessa direção, é que nunca acabamos de conhecer e de nos conhecer; o sentido é sempre infinito. Caso esse sentido tivesse fim, nada poderia existir; o fim seria a morte, inclusive a morte física.

Essas afirmações podem parecer óbvias para algumas pessoas, mas não é bem assim. E mesmo o óbvio pode ser apenas um modo de o sujeito não querer se implicar, se inter-relacionar com algo. Um exemplo seriam aquelas pessoas que acham que já sabem tudo, ou que tudo é chato, ou que sempre dizem, diante de algo, que este é estranho, esquisito etc. Este sujeito, podemos pensar, não quer se deparar com o fato de sua incompletude, de que existe uma série de coisas que ele não compreende, não domina e que o assustam.

Mas, se ao contrário, nos colocamos disponíveis para escutar o que se passa, o que tudo isso tem a ver conosco, algo novo se produz, dentro e fora de nós. Transformamos o ‘chato’ em ‘desafio’.

Os escritores, por exemplo, constantemente dão testemunho do que acabamos de dizer. Atentos sempre ao mundo ao seu redor, procuram dar forma ao que percebem, por meio da linguagem escrita. Para escrever sobre qualquer coisa, precisam, no entanto, atentar para o que foi despertado neles, mobilizado, ainda que não tenham clareza imediata. Algo pode levar anos até fazer sentido para alguém.

Contudo, mesmo o fato de escolherem escrever sobre algo não é casual. Por que não escolheram pintar, desenhar, esculpir ou outro meio qualquer, não necessariamente ligado às artes? Bem, a raiz de tudo isso devemos buscar em cada um de nós, “em nosso inconsciente”, como a psicanálise costuma afirmar, e as respostas serão sempre parciais, com certeza. Como já dissemos, é o fato de serem parciais que nos levará a querer saber mais, a ir mais longe, em busca de novos desafios.

Como o que gostaria de enfatizar neste texto é a relação entre escrita, escuta e subjetivação, convido meus interlocutores a acompanhar um pouco de um drama que encontra na escrita um meio de ser escutado. Pela escuta desse drama, talvez possa ficar mais clara a relação que procurarei estabelecer entre essas três dimensões.

Escrever

Em 1991, o mundo assistiu ao drama de uma escritora chilena bastante conhecida. Trata-se de Isabel Allende, cuja filha, Paula – portadora de uma rara doença, chamada porfiria, que provoca uma séria alteração no metabolismo –, é vítima de um erro médico e entra em coma profundo e, como se verá, irreversível.

Desesperada, Isabel, sem poder fazer nada, sentindo-se impotente diante do estado da filha, recebe de sua agente literária um punhado de folhas de papel para que escreva e desabafe, para não morrer de angústia. Isabel, a princípio, recusa-se, dizendo não poder, pois algo dentro dela se despedaçou, não sabendo se algum dia poderá voltar a

escrever. A agente literária de Isabel, então, contra-argumenta: que escreva uma carta a Paula para ajudá-la a entender o que se passou com ela durante o tempo em que ficou adormecida. Isabel lança-se de corpo e alma nessa tarefa, nas “horas vagas desse pesadelo”.

A ‘carta’, entretanto, não se limita a contar o que se passa com a filha. Isabel escreve a história da filha, de seu estado atual, a sua concepção, nascimento, crescimento. Cenas passadas misturam-se a cenas atuais. Escreve a história da mãe, seus encontros e desencontros, seus amores, alegrias, seus lutos e decepções, a chegada dos filhos e sua criação, as mudanças de país etc. Escreve a história da família, dos laços que a unem e que, agora, podem separá-la. Isabel escreve, sobretudo, sobre Isabel Allende.

Ao escrever para-sobre a filha, Isabel se dá conta da importância da escrita para ela. Leitora voraz desde pequena, em que se identificava com cada personagem, vivendo várias vidas, a escrita hoje é um modo de salvar-se, desemaranhando o novelo que constitui sua existência. Salvar a si mesma e a filha, pelo “meticuloso exercício da escrita”.

A escrita, aqui, visa aproximar mãe e filha, é uma forma de comunicação entre as duas, de Isabel consigo. Escrever é um modo de Isabel estar perto da filha, resgatá-la de seu mundo silencioso. Mas é também, e sobretudo, um modo de propiciar um distanciamento, uma separação, já que ambas habitam mundos diferentes.

Todas as tentativas de manter viva a filha, fracassam. A única forma de enfrentar esse fato é escrevendo. A escrita é uma espécie de confissão, em que Isabel repassa sua vida, pergunta-se sobre a pessoa que é, sobre o que a foi constituindo; é um pedido de ajuda, de compreensão, almejando do outro a ajuda necessária para transpor esse umbral.

Certo dia, Isabel recebe uma carta deixada pela filha, para ser aberta caso lhe acontecesse algo. Em sonho, Paula previra o que iria lhe acontecer. Um novo drama surge: Paula pede que, se seu sonho se confirmasse, que a deixassem partir. Isabel vive agora a angústia de desligar ou não os aparelhos que mantêm sua filha ligada à vida,

mesmo que em estado vegetativo. Ao escrever isto, Isabel decide desligar os aparelhos, deixando a filha partir.

A morte de Paula, contudo, não põe fim à história, pois uma nova história foi escrita, a de *Paula*, o livro, o drama de Isabel e de Paula, e de todos aqueles que compartilharam esse acontecimento, e todos os acontecimentos relatados no livro.

Se *Paula*, o livro, marca a morte de Paula, Isabel, escrevendo, acaba por criar uma nova vida à filha: pela escrita, recria a filha *ficcionalmente*. Com a ajuda dos leitores. Sim, porque ao compartilharem de seu drama, suas histórias, os leitores a ajudam a contar, recontar sua história, acrescentando a ela outras tantas histórias, aquelas que fazem a história de cada um.

A história de Paula é, dessa maneira, uma história criada conjuntamente, a cada vez que alguém abre o livro e acrescenta suas próprias contribuições, seja na forma de lembranças, impressões, sensações, associações com outras histórias lidas, escutadas, vivenciadas etc. Tanto é, que após a publicação do livro, uma centena de leitores do mundo todo escreveram para Isabel, numa espécie de gesto solidário e também contando histórias próprias, vivências, experiências, entre outros relatos. De qualquer forma, é interessante pensar como a história contada por Isabel mobilizou os leitores e os levou a quererem se corresponder com ela e a contarem, agora, a *sua história*, ou seja, a história de *cada um*.

Paula, o livro, é uma ficção de Isabel, com fortes marcas auto/biográficas (com esta barra, assinalando a marca da cultura, como propõe o lingüista Dominique Maingueneau [1995]). Na verdade, *Paula* contém traços de uma biografia, uma auto/biografia, um romance, uma carta (como refere-se Isabel), resultando, podemos pensar, numa ‘ficção de cunho auto/biográfico’. Isto quer dizer que, toda vez que vamos escrever sobre alguma experiência nossa, um fato que ocorreu conosco, nós acabamos por recontar esta história, pois a história, como aconteceu, não existe mais, ficou perdida no passado. Nossa memória é falha, transforma os fatos, e, ao escrever, o código da escrita, a linguagem verbal, nos obriga a expressar de determinada maneira; nunca conseguimos transpor nossas vivências *exatamente* como ocorreram, como a percebemos, mas somente de forma aproximada. Do mesmo modo, quando vamos

escrever uma ficção sempre esta irá conter elementos de nossa biografia. Ou seja, isto quer dizer que sempre estamos estreitamente ligados ao que fazemos.

Escutar

O sucesso de *Paula* só foi possível pelo fato de ter suscitado a identificação por parte dos leitores com a história contada. E é este um elemento fundamental em qualquer narrativa: criar um efeito de intimidade, chamar o leitor à cena, envolvê-lo com a trama.

Contudo, a tarefa não é simples; é preciso criar no texto espaços para a participação do leitor, criar um diálogo com ele. Há vários recursos para isso. Quem nunca, com um livro ou um texto na mão, teve palpitações diante do que é relatado? Quantos depoimentos de escritores famosos são encontrados, nos quais eles dão testemunho de seu fascínio pelos livros, a ponto de eles quererem também escrever.

Só a título de exemplo, vale lembrar o que ocorreu com a escritora brasileira Clarice Lispector. Certa vez, em sua adolescência, entrou numa livraria e pegou numa estante um livro da escritora Katerina Mansfield, sem nunca ter ouvido falar dela, apenas pelo título. Ao abrir o livro ali mesmo e ler algumas páginas, exclamou: “Mas este livro sou eu!”. A mesma Clarice Lispector conta, também, que quando criança era uma leitora voraz, mas nunca lhe havia passado pela cabeça que livro fosse escrito por autor; ela achava que livro era como a pedra ou flor, nascia simplesmente. Então, quando descobriu que livro tinha autor, ela também quis escrever. Clarice, hoje, é uma das escritoras brasileiras mais lidas e respeitadas, tanto no Brasil como internacionalmente.

Para Clarice Lispector e Isabel Allende, e tantos outros escritores, o impacto da leitura foi tão intenso que decidiram também escrever, compartilhar com os outros sua paixão pela leitura, seu fascínio pela escrita e sua visão de mundo.

Nesses casos, assim como quando essa experiência acontece conosco, o que ocorre é que o leitor é pego nas ‘malhas da linguagem’, ele é seduzido por ela, como as sereias

seduziam os navegantes com seu canto. Seduzir quer dizer exatamente isso: ‘levar para o lado’, ‘desviar do caminho’. E o que prometem as sereias com seu canto? Não seria justamente a descoberta de um novo mundo, desconhecido para os navegantes? Acredito que sim, e é por isso que o seu canto é tão sedutor!

De modo semelhante, a leitura funciona como esse canto das sereias para o leitor, pois apresenta para ele um outro mundo, um universo diferente. O leitor é seduzido, guiado e desviado de seu rumo pela promessa de novas descobertas, sobretudo pela descoberta de si mesmo. Mas, como tudo que é novo, essa descoberta assusta.

O que eu gostaria de frisar nesse momento é a importância de ‘darmos ouvidos ao texto’, deixar que ele nos fale e colocarmo-nos à escuta de seu canto, sua promessa, ainda que não nos convençamos dela. Não importa, ao aceitar o convite, já fomos fisgados, desviamos nosso rumo, portanto, uma nova experiência se deu. Se rejeitamos a proposta e resolvemos retomar nosso caminho, também não importa, pois nosso caminho já é outro; aquele que deixamos não existe mais, pois nossa saída já lhe conferiu um novo traçado.

Nós somos o tempo todo seduzidos por algo, desviados para outro caminho. Não seria exatamente este um sentido possível para escuta? Eu acredito que sim.

Escutar, dessa perspectiva, é desviar nossa atenção de um significado primeiro, pré-dado, procurando desvendar a multiplicidade de sentidos do que nos é dito. Seja em relação a uma pessoa ou a um texto, ou qualquer outro objeto. Escutar é desconstruir uma cadeia de sentido fixa, é fazer ressoar as palavras. É buscar sempre o que se esconde por traz de cada palavra, os vários sentidos. Mas isso só é possível, como já foi assinalado anteriormente, se nos propusermos a fazer parte do que é dito, se nos colocarmos presentes na situação, se aceitarmos ser seduzidos e seduzirmos. Sim, porque se eu também não seduzo o outro, incluindo a própria linguagem, não há jogo. A sedução exige dois lados. Voltando às sereias, elas também foram seduzidas pelos navegantes; seduzidas pelo mundo ao qual elas não tinham acesso, confinadas que estavam ao mundo marinho, por não terem pernas.

Dessa maneira, para que eu possa vir a escutar algo, eu preciso colocar-me num estado de disponibilidade ao que será comunicado, sem no entanto conhecer o seu

conteúdo. Se na clínica psicanalítica quando falamos de escuta referimo-nos sobretudo à escuta dos “conteúdos inconscientes”, em relação ao texto talvez pudéssemos pensar em suas ‘entrelinhas’, ou seja, naquilo que não está dito de modo explícito. Nos dois casos, trata-se da criação de um espaço intermediário, que não corresponde nem ao da fala/texto e nem ao do locutor/leitor. Trata-se de um espaço criado no encontro intersubjetivo entre ambos os parceiros.

Ambos são afetados mutuamente e saem transformados desse encontro, ainda que não percebam; e é justamente isto o que ocorre: ambos são transformados sem que se dêem conta disso, mas isto está expresso em seu modo de sentir, perceber, pensar, agir etc.

No caso do livro *Paula*, para que possamos escutar o drama narrado por Isabel, precisamos permitir que as histórias narradas encontrem eco em nossa própria história, em tudo aquilo que nos constitui ao longo de nossa existência. Ou seja, cada elemento presente nessa narrativa é passível de suscitar múltiplas evocações. Cada interlocutor de seu texto será tocado por aquilo que o constitui como sujeito, detentor de uma história em particular, mesmo que parte de uma cultura. O texto, dessa forma, é alvo e sujeito de transformações, na parceria estabelecida com seu autor, e ambos com seus leitores.

É a disposição para tornar-se parceiro neste empreendimento, deixar-se ‘evocar’ pelo texto, evocando nele marcas familiares e desconhecidas, que pode nos transportar para esta sua outra dimensão – com o susto e a alegria decorrentes –, a da escuta.

Escrita, escuta e subjetivação

Ao seguirmos nossa trajetória até aqui, principalmente com o breve relato do livro *Paula*, o que procurei demonstrar, de maneira bastante resumida, é como somos o tempo todo ‘seduzidos’ por novas experiências, o quanto somos desviados de nosso caminho por uma série de acontecimentos. No caso da leitura, o texto nos arrasta para uma experiência quase nunca escolhida por nós; quando percebemos – se é que chegamos a perceber –, já estamos completamente implicados na história, que passa a

ser também a nossa história. Do mesmo modo, quando escrevemos, mesmo tendo um roteiro prévio, nunca sabemos onde vamos chegar. No meio do caminho somos assaltados, desviados, por idéias que até então não nos haviam ocorrido.

O texto tem esse poder: ele nos defronta constantemente com uma imagem inédita de nós mesmos. Não porque ela nunca tenha existido, mas porque nunca nos demos conta. Entretanto, trata-se de uma imagem flutuante, que se modifica a cada vez que o sujeito entra em contato com um 'outro', seja uma pessoa, um objeto, um animal, uma pintura, uma música, um texto ou ele mesmo. A tensão provocada nesse encontro cria uma força que atrai o sujeito para fora, em direção ao mundo, pondo-o 'em relação'.

É claro que, muitas vezes, o sujeito pode recusar a relacionar-se com o outro, numa forma às vezes violenta, na qual o outro deve ser eliminado para não ferir sua imagem. Mas o que enfatizo, aqui, é bem o contrário. Trata-se de aprendermos a lidar com o diferente, com o estranho. Não como aquilo fora de nós, mas como *parte de nós*. Isto significa abandonar nossas fixações narcisistas e poder criar novas formas de relacionamento com o outro, com o mundo, e com nós mesmos, principalmente.

O estranho, dessa maneira, traz sempre a possibilidade do novo, do inesperado, aquele que pode nos conduzir a novos lugares, seja dentro ou fora de nós. E, como tal, representa a alteridade, como outro, fora de mim e parte de mim, uma vez que me permite o acesso ao outro e ao 'outro em mim'.

Esta questão pode ser apreendida, brilhantemente, nas palavras de Clarice Lispector (1979; p.20): "Eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu. Entendi então que eu já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência maior seria ser o outro dos outros: e o outro dos outros era eu". Isto não quer dizer, para a escritora, que o eu se reduza/seja um outro, é mais que isso: eu é um *nós*. Ou seja, um sujeito singular e plural ao mesmo tempo, pois é na relação com os outros que ele se constitui, como dissemos.

A implicação disso, para nós, é que sempre somos exilados de uma determinada condição, sempre deslocados para uma posição estrangeira, em direção ao desconhecido. Estamos, dessa forma, sempre em um constante êxodo.

Esse exílio e esse êxodo têm na linguagem seu ponto máximo. Pela experiência com a linguagem somos expulsos constantemente de uma significação a outra, numa eterna busca por sentido, criando nesse trajeto novos sentidos e significações.

Novamente, essa constatação nos remete a uma outra, a de que nossa posição no mundo é de total desamparo, o qual está inscrito em nossa própria condição humana, exilado que somos freqüentemente dos sentidos que nos ultrapassam. Nesse nosso êxodo, é o confronto/contato com a alteridade na sua estranheza que nos ajuda a nos constituir como sujeitos, dando sentido à nossa existência. Não é casual, nos lembra a psicanalista e socióloga Caterina Koltai (2000), que “... o prefixo *ex* de êxodo e exílio é o mesmo de existência”.

Pois bem, é pela escuta dessa história que nos constitui que se torna possível falar na constituição de um processo de subjetivação. Não de uma história em particular, como foi dito, mas de uma história singular dentro da História. Assim, somos constituídos por todas as histórias que nos atravessam.

Quando escrevemos, ao lançarmos mão de um código coletivo, o que fazemos é dar testemunho de nosso modo de apreender esse código, de nossa história singular, de nossa visão de mundo – como pensamos, sentimos etc. – e de nosso modo de ver o mundo que nos cerca, como esse mundo nos influencia, nos marca, atravessa nossa vida.

Ao fazer referência a Isabel Allende, anteriormente, o que eu pretendi enfatizar é como ao escutar seu texto podemos escutar seu processo de subjetivação e, por meio deste, como ela testemunha os processos de subjetivação inerentes à realidade da qual participa e ajuda a construir. Ou seja, como um texto é testemunho vivo das “modalidades de experiência de si e do mundo que alguém pode realizar, pode efetivar, pode elaborar”, como diz o psicanalista Luís Claudio Figueiredo (1995; p.201). Do mesmo modo que, lendo este texto, estamos elaborando novas experiências, descobrindo e acrescentando significados a ele. Estamos, então, reescrevendo-o, no ato mesmo de sua leitura. O texto, portanto, não é mais o mesmo, não pertence a mim, que escrevo, mas a todos aqueles que aceitam o convite de o ler. Dito de outro modo, isso

ocorre quando eu me coloco disponível para escutar o texto, dialogando com ele, escutando e dialogando com minha própria história.

Para que eu possa escutar seja o texto seja minha história, contudo, é preciso que aí se crie uma ‘transferência’, que eu entre em relação com esse texto e essa história, me implique neles. Escutar é, então, a reivindicação do reconhecimento de minha existência, de quem sou eu, de quem é o outro. Eu só escuto quando faço parte do que é dito, quando fui escutado.

Entendidas dessa perspectiva, a leitura e a escrita devem ser compreendidas do lado da noção de “escuta do texto” (Kanaan, 2002 e 2003), ou seja, no jogo transferencial contínuo, infinito, do diálogo, dependendo de toda sua “significância”, como aponta Barthes e Havas (1987).

Pela identificação com o escritor, o leitor, como interlocutor, faz aflorar novos sentidos no texto, retirando texto e autor do plano do idêntico (característico da linguagem escrita) para o plano da alteridade. Dito de outro modo, a escuta marca um desvio de sentido produzido no texto e na relação entre os interlocutores pela presença do outro/Outro. Pela escuta do texto, autor e leitor, por meio da transferência, podem recriar, reconstruir, ‘ressignificar’, pela linguagem, sua existência e a da obra, podendo, por fim, pertencer (a si mesmos, ao ‘Outro’, à vida).

O resultado desse processo é a criação de um ‘terceiro sujeito’ (cuja existência é marcada pela tensão entre os parceiros como sujeitos separados), não redutível nem ao escritor nem ao leitor: esta seria a essência da experiência de ler. Escritor e leitor devem estar preparados para serem destruídos pela alteridade da subjetividade um do outro, base para essa nova construção de si, e para virem a escutar um som que emerge da colisão dessas subjetividades, ao mesmo tempo familiar e diferente de qualquer outro já escutado. Tem origem, assim, um outro texto, outros sujeitos... (cf. Ogden, 1996)

Numa aproximação com o trabalho de Ogden (1998) sobre o falar e o escutar na experiência analítica, em que lança mão da noção de voz, podemos pensar que:

Criar uma voz com a qual falar ou escrever poderia ser entendido como uma forma, talvez a principal forma, pela qual um indivíduo adquire existência, adquire vida, através do uso

da linguagem. Essa concepção de voz aplica-se a qualquer forma de utilização da linguagem seja na poesia, na ficção, na prosa, no drama, no diálogo analítico ou nas conversas do dia-a-dia (p.585-586).

Assim como vimos no caso de Isabel Allende, o texto, de modo geral, parece conter a possibilidade de uma escuta sempre renovada, assumindo as “formas potenciais de transformação”, nos termos de Bollas (1998; Introdução):

Quando selecionamos qualquer seqüência de objetos, tais como ouvir uma determinada gravação, depois telefonar para uma determinada pessoa, depois ler alguma coisa de um determinado livro, transformamos nossa experiência interior descobrindo novas texturas psíquicas que nos levam para diferentes áreas de estado potencial.

Estou querendo dizer com isso que toda obra remete a uma série de outras associações, que conduzem o sujeito à apropriação de sua forma de viver e de se relacionar consigo e com os outros. Como já foi mencionado anteriormente, não que isto seja um movimento consciente, o qual o sujeito percebe e age de acordo com tudo o que foi descobrindo. Geralmente, isto se dá de maneira inconsciente, sem que o sujeito perceba, mas nitidamente perceptível em seu comportamento, implicando aqui seus aspectos objetivos e subjetivos.

Esses aspectos ficam claros no modo como o sujeito passa a perceber a realidade e interferir nela, mudando sua posição diante do mundo e das coisas, do outro e de si mesmo.

Assim, cada escolha do sujeito passa a conter um “potencial de processamento”, implicando uma “... forma diferente de transformação subjetiva, decorrente da integridade da estrutura do objeto” (ibid.).

Como foi dito anteriormente, no caso do texto de Isabel Allende – e por extensão o texto de um modo geral (cf. minha tese de doutorado, na qual me dedico a obra de Clarice Lispector) –, esta procura restituir o corpo à escritura, investindo-o do desejo de quem o lê. Isto significa, em outros termos, conferir-lhe um ritmo, restituir-lhe a dimensão da oralidade, da presença do outro. Um efeito disso seria a tendência da leitura em voz alta, para si ou para um outro. Voz e ouvidos entram como dimensões

essenciais à leitura e aos sentidos. A escuta faz ressoar os signos, pondo-os em movimento.

Há uma reedição constante de vozes, aquelas que deixaram eco em mim, ecos sonoros e também aqueles que marcam meu corpo de afetos, lembranças, cheiros etc., ou seja, remetendo sempre ao campo das sensações.

... a voz e o registro da escuta constituem-se como os canais sensoriais privilegiados para a produção e a circulação do sentido. Isso porque, mediante estes percursos sensoriais, não apenas a escritura se encorpa e se corporiza, como também o texto ressoa com timbre e harmonia no corpo do leitor. A relação do sujeito com a escritura se aproximaria assim da experiência musical. (Ibid.; pp. 63-64)

Cria-se, desse modo, uma outra voz, fusão de vozes, uma nova voz. E, da mesma maneira que essa nova voz é criada, um novo texto marcado pelo ritmo nasce, como um novo corpo é criado e recriado. Como o corpo da criança embalado por aquela cantiga plena do desejo da mãe.

Escrever, nesse sentido, inscreve-se no registro dos processos de subjetivação. O ato de narrar – na dimensão da escuta, como vimos defendendo aqui –, ele mesmo, propicia um distanciamento de si, levando seu autor a refletir sobre o conteúdo de sua narrativa, tomando uma posição diante dela (ainda que procure se esconder em seus meandros) e do outro a quem se dirige, figura concreta ou imaginária, espécie de si mesmo marcado por uma série de experiências, vivências e expectativas.

E, neste ponto, devemos retomar Figueiredo (1998), em ‘Uma complexa noção de “voz”’, texto que discute as idéias de Ogden (1998), e ir um pouco além em nossa discussão.

Tenho enfatizado ao longo deste trabalho a importância do outro, de uma alteridade, ao me referir à noção de escuta do texto, enfatizando a importância, nesse caso, da relação intersubjetiva. Diante do que foi visto até aqui, no entanto, aceitando a sugestão de Figueiredo (1998), seria mais correto falarmos não em intersubjetividade, mas em uma *trans-subjetividade*.

Em seu texto, Figueiredo (ibid.; p.605) comenta, inicialmente, como a distinção clássica entre fala (como mais autêntica, imediata e próxima da experiência subjetiva, “sendo desta uma expressão veraz, completa e direta”) e escrita (menos autêntica, mais distante da experiência, “menos vital, mais propícia às falsificações”), no caso de Ogden, não se sustenta, assim como não é possível, sobretudo, a identificação do conceito de voz com a fala. A noção de voz de Ogden se aplica tanto à fala quanto à escrita. Nos dois casos, “há tanto implicação como distanciamento subjetivo”. Em ambos somos submetidos a um duplo movimento de autoconhecimento e de auto-estranhamento. Estamos, desse modo, diante de um movimento dialético, de familiaridade e estranhamento, o que implica que o sujeito está sempre em processo e nunca plenamente constituído. E a criação de uma voz (tanto na fala quanto na escrita) seria uma forma pela qual o sujeito “adquire existência, adquire vida, através do uso da linguagem” (Ogden, 1998; p.586).

Entregar-se a essa voz, seria deixar-se levar “... pela corrente da vida que ela nos traz e nosso campo de experiências se alarga e enriquece” (Figueiredo, 1998; p.607). Do mesmo modo, para apreender essa noção de maneira mais profunda, é preciso *escutar* essa voz (ou essas vozes), não uma escuta qualquer, mas, como disse Clarice, e reitera Naffah (1997), citado por Figueiredo (ibid.; p.607), “escutar com o corpo inteiro”. Ou seja, escutar essa voz falada ou escrita em suas múltiplas dimensões, unindo corpo e discurso, ou em seus “aspectos psicofísicos”, utilizando uma expressão de Figueiredo.

A escuta dessa voz, de suas ressonâncias, seus ecos, e a necessidade de responder a ela, vão criar um espaço bastante particular, “... um campo trans-subjetivo em que vozes geram vozes – uma espécie de ‘clima ou atmosfera’ – que já não têm mais uma fonte plenamente identificável com este ou aquele emissor em particular” (ibid.; p.607).

A discussão deste autor vai na direção de como Ogden tem se esforçado em seus trabalhos, particularmente em *Os sujeitos da psicanálise*, em demonstrar a dinâmica dos processos subjetivos, afirmando, em seguida:

Nesta dinâmica, o “saudável” é a possibilidade de trânsito entre as diversas matrizes de experiência sem nenhum lugar definitivo de chegada e repouso. Este trânsito entre

diferentes modos de experimentar o mundo e a si é, fundamentalmente, um trânsito entre, de uma parte, movimentos de criação e de imersão em um campo trans-subjetivo e, de outra parte, saídas ou emersões deste campo supra-pessoal no rumo de uma diferenciação singularizante do terreno de experiência individual. (Ibid.; p.608)

Desse modo, podemos perceber, do que foi dito, que “... nada do que se produz e se passa neste campo interpessoal pode ser tomado como uma produção individual deste ou daquele: seriam sempre efeitos do campo analítico como tal” (ibid.; p.608).

Neste campo estaria presente um duplo movimento: a criação de um campo transpessoal e um deixar-se afetar por sua dinâmica, por um lado; e a necessidade de um “... esforço reflexivo capaz de distanciar e diferenciar os sujeitos singulares”, propiciando sua emersão desse campo “... com uma experiência extremamente singular, mas enriquecida por elementos provenientes da trans-subjetividade” (ibid.; p.609).

Trata-se, assim, de um campo vivo, em que a voz realiza este duplo movimento, no plano de uma simultaneidade.

A voz, a voz viva bem-entendido, é ‘ao mesmo tempo’ o que de mais próprio pode brotar do sujeito, mas é, antes disso, o que o possibilita e, em seguida, é o que o transcende e remete para longe de si, para o momento paradoxal de um novo conhecimento de si pela via da desfamiliarização. (Ibid.; p.609)

Se podemos pensar que o caracteriza as escrituras é uma profusão de vozes, como vimos insistindo, nada melhor do que esta discussão de Figueiredo a propósito do texto de Ogden para esclarecer como poderíamos compreendê-la, compreendendo como se dá o processo de criação da obra, de subjetivação. Sempre criando novas vozes, novos campos.

Seja quem for, o que for, o lugar ocupado por esse, o outro é fundamental nessa perspectiva de uma escuta do texto. Como escreveu Clarice Lispector: “Você que me lê que me ajude a nascer” (Lispector, 1973; p.43); “Eu sou existo no diálogo”. Ou seja, o leitor ajudaria Clarice a ‘parir’ seu texto e sua existência, aceitando-a. ‘Aceitar’, é fazer parte de um diálogo, partilhar, criar um espaço, agora sim, *trans-subjetivo*. O objetivo é

estabelecer uma empatia-cumplicidade com o leitor: “... preciso depressa de tua empatia. Sinta comigo” (ibid.; p.105).

Sendo assim, Clarice desprende-se, transcende o plano biográfico, fazendo uso dele, pela escrita, criando um novo campo, um ‘novo mundo’, uma nova biografia, uma ‘bio-grafia’, uma ‘grafia da vida’, não mais a da autora, mas aquela inventada no encontro com o leitor. Como Isabel Allende, sobretudo no caso de seu livro *Paula*.

Desse modo, a escrita torna-se uma ‘escrita infinita’. “O que te escrevo é um ‘isto’. Não vai parar: continua.” (Lispector, 1973; p.115) Continua a cada encontro com os leitores; um leitor como um texto, infinitos.

Para concluir, gostaria de citar mais uma vez Clarice Lispector (apud Borelli, 1981; p.48): “Eu não quero mais uma vida particular pois quando eu fico muito sozinha eu não existo. Eu só existo no diálogo”.

Bibliografia

- ALLENDE, Isabel (1995). *Paula*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- BARTHES, Roland (1977). *O prazer do texto*. São Paulo, Perspectiva. (Elos)
- ___ e HAVAS, Roland (1987). Escuta. In: Enciclopédia Einaudi. *Oral/escrito. Argumentação*. Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda.
- ___ e MARTY (1987). Oral/escrito. In: Enciclopédia Einaudi. Op. cit.
- BOLLAS, Christopher (1992). *A sombra do objeto*. Rio de Janeiro, Imago.
- ___ (1997). Uma sensibilidade especial. Trad. e notas de Luís Cláudio Figueiredo. In: *Cracking up*. São Paulo, PUC-SP.
- ___ (1998). *Sendo um personagem*. Rio de Janeiro, Revinter.
- BORELLI, Olga (1981). *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. 2 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio M. (1995). Entrevista. *Cadernos de Subjetividade*. São Paulo, Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade. 3(2):201-203.
- ___ (1998). A complexa noção de voz. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, Órgão Oficial da Associação Brasileira de Psicanálise. 32(3):605-609.

KANAAN, Dany Al-Behy (2002). *Escuta e subjetivação. A escritura de pertencimento de Clarice Lispector*. São Paulo, Casa do Psicólogo-Educ.

___ (2003). *Clarice Lispector. Entre o biográfico e o literário: uma ficção possível*. São Paulo, Educ-Limiar.

KOLTAI, Caterina (2000). *Política e psicanálise. O estrangeiro*. São Paulo, Escuta.

LISPECTOR, Clarice (1979). A experiência maior. In: ___. *Para não esquecer*. São Paulo, Ática.

MAINGUENEAU, Dominique (1995). *O contexto da obra literária*. São Paulo, Martins Fontes.

OGDEN, Thomas H. (1996). *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo, Casa do Psicólogo-Clinica de Psicanálise Roberto Azevedo.

___ (1998). Uma questão de voz na poesia e na psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, Órgão Oficial da Associação Brasileira de Psicanálise. 32(3):585-604.

Dany Al-Behy Kanaan, psicólogo clínico. Mestre e doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Professor da Faculdade de Fonoaudiologia da PUC-SP. Membro-fundador e diretor do *Subjectum*, Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Linguagem e Constituição do Sujeito.

MESA REDONDA

Maria Laura Märtz

*“Minha voz, minha vida,
meu segredo e minha revelação,
minha luz escondida,
minha bússola e minha desorientação.
Se o amor escraviza,
mas é a única libertação,
minha voz é precisa,
vida que não é menos minha,
que da canção.
Por ser feliz, por sofrer, por esperar eu canto.
Pra ser feliz, pra sofrer, para esperar, eu canto.
Meu amor, acredite que se pode crescer assim pra nós
uma flor sem limite
é somente porque eu trago a vida aqui na voz”.*

Caetano Veloso

1. Marca de origem

Realidade única, singular, e ao mesmo tempo coletiva, a voz é um fenômeno originário do humano. Única e singular, porque moldada no tempo e no espaço de uma vida que nasce em circunstâncias bastante determinadas, quer o saibamos ou não. E coletiva, porque descende de outras vozes, da mesma maneira como deixará sua marca em outras tantas. Uma marca que é recebida e transmitida como essencialmente humana, e que

está na origem mesma do humano. Origem, como conceito, aqui se distingue da gênese. Origem é a reflexão filosófica acerca de um fenômeno que nos permite “uma visão dupla, que o reconhece por um lado como restauração e reprodução e, por outro lado, e por isso mesmo, como incompleto e inacabado”. A categoria de origem, tal como expressa por Walter Benjamin, permite-nos pensar a voz como uma idéia que não se destaca dos fatos ou fenômenos históricos, mas que se relaciona ao mesmo tempo com seu vir-a-ser e com aquilo que foi antes de ser. Como marca originária, a voz é ao mesmo tempo o que outras vozes foram na humanidade, mas porta também os sonhos do que poderiam ser, e do que podem ser, num devir em transformação, posto que é sempre inacabada e incompleta. Esta é a sua dimensão originária, propriamente humana: provém do desaparecimento de outras vozes, encontra-se já em seu passado, mas pode despertar para outros devires, outras maneiras de se manifestar, em seu constante vir-a-ser.

A implicação clínica desta reflexão sobre voz como categoria de origem é a aposta na possibilidade de transformação. Se, a princípio, a *gênese* pode nos esclarecer a respeito da primeira manifestação no tempo de um fenômeno como, por exemplo, um problema de voz, a homogeneidade e estabilidade desta formulação causal e linear pouco nos dirá sobre as inúmeras possibilidades de transformação ao longo de um percurso terapêutico. Por outro lado, a *idéia de origem* é dinâmica e pode ser compreendida como um processo que restaura o passado transformando-o, não deixando de considerar a gênese, mas movendo-se para além e para aquém dela, num fluxo não de causalidades, mas das descontinuidades entre os diversos eventos que compõem o fluxo mais próprio da vida. Assim, a voz perdida, ou alterada, será restaurada, porém transformada, já outra e com novas possibilidades, e seguirá transformando-se sem, no entanto, deixar de ser ela mesma. É este o movimento de subjetivação da voz: uma subjetividade em fluxo de transformação, de ampliação, ou restrição de horizontes. Pois também pode fazer parte do processo de subjetivação a restrição, e isto é o que faz da voz, em termos clínico-terapêuticos, uma *questão* a ser acolhida na clínica.

2. Gênese

Até aqui, trabalhamos com a idéia de voz como marca de *origem* do humano, em termos de uma transmissibilidade que ocorre ao longo das gerações. É importante agora ressaltarmos que esta mesma marca está presente na *gênese* de cada ser humano, comparecendo na constituição desta nova subjetividade que começa a se formar a partir do nascimento, ou mesmo antes, a partir dos sonhos e expectativas dos pais. Se por um lado a *origem* relaciona-se ao *ethos* humano, a *gênese* ancorada neste *ethos* terá como ambiente as experiências *estéticas* que, no início da vida, configuram a possibilidade primeira de constituição da subjetividade. Ao nascer, cada bebê humano dispõe de um potencial herdado numa conformação corpórea que necessita de provisões suficientes para se desenvolver. É o que Winnicott denomina provisão ambiental e que se refere à qualidade de adaptação ativa da mãe às necessidades de seu bebê. Esta adaptação de boa qualidade oferecida pela mãe permite ao bebê a experiência criativa, através da ilusão onipotente, ou seja, ele vive a ilusão de criar aquilo de que necessita. Assim, o seio da mãe está sendo criado pelo bebê, desde que a mãe esteja de fato oferecendo-o. Por outro lado, se não houver ali um seio disponível para ser criado na ilusão do bebê, é possível prevermos dificuldades justamente na capacidade posterior para os relacionamentos, para viver a realidade compartilhada e poder ser criativo nela. É a onipotência inicial do bebê, vivida em *mutualidade* com a mãe, que irá favorecer as experiências e integrações necessárias para que o sentimento de ser e sentir-se real aconteça e seja descoberto: o bebê então pode sentir a si mesmo como um eu que é diferente do não-eu. Aqui estão lançadas as bases para o desenvolvimento do *Self*, que é composto por todos os diferentes aspectos da personalidade que constituem o eu de uma pessoa como distinto do que é não-eu. É um sentimento de ser subjetivo que passa a existir quando ocorre a integração do *Self* e que permite ao bebê o passo seguinte, ou seja, compartilhar a realidade, podendo separa-se da mãe e percebê-la como separada de si. Podemos pensar que a integração do *Self* é um passo essencial na constituição da subjetividade do bebê, que passa então a ter progressivas condições para o que denominamos relações intersubjetivas. Portanto, é necessário, no início, a experiência da *mutualidade* na qual o bebê e a mãe são *um só*. Neste período têm lugar importantes experiências estéticas que

se realizam no manejar do bebê e são vividas através da corporalidade, da sensorialidade, do encontro com o corpo da mãe que, de acordo com Safra, é um corpo transfigurado: “Não é simplesmente um organismo biológico, é um corpo banhado por inúmeros encontros, desencontros, signos socioculturais, pela vida dos ancestrais. O corpo materno traz a presença de uma história e se faz doação para ser criado pelo bebê. O corpo materno, nesta etapa, é o próprio corpo do bebê, em que ele pode, paradoxalmente, criar todo o mundo humano já ali presente”.

3. Constituição estética da voz

É através dos sons, cheiros, movimentos, cores e imagens, entre tantas outras experiências estéticas, ou também estésicas, que o corpo do bebê se humaniza nesta fase de dependência absoluta. As experiências estéticas são providas pelos cuidados maternos, mas são percebidas apenas subjetivamente pelo bebê, que ainda não pode reconhecer qualquer fragmento de realidade exterior. Portanto, ouvir sons, como também ouvir a fala e talvez as canções da mãe, a princípio é uma *experiência estética, corporal e humanizadora*, e que possibilita ao bebê o desenvolvimento de sua capacidade imaginativa acerca de seu funcionamento somático. A elaboração imaginativa das funções corporais é apoiada na multiplicidade de experiências estéticas vividas em mutualidade com a mãe. No início, como esclarece Winnicott, há uma trama psicossomática, “psique e soma não podem ser distinguidos, a não ser pela forma como os vemos. Podemos nos voltar para o corpo ou para a psique que se desenvolve. Considero que aqui a palavra psique signifique a elaboração imaginativa dos elementos, sentimentos e funções somáticas, ou seja, a atividade física. Sabemos que essa elaboração depende da existência e do funcionamento saudável do cérebro”. Desta forma, de um estado inicial de não-integração, o bebê vai integrando experiências a partir das fantasias sobre as mesmas; num momento subsequente surge a função intelectual, que trabalhará a análise e a compreensão das experiências em termos do ambiente, isto é, daquilo que é ou não é adaptado às suas necessidades, podendo admitir, explicar e mesmo antecipar algumas experiências de desadaptação, de modo

que o bebê fica protegido de riscos à continuidade de seu ser. A sensação de continuidade de ser, de existir sem riscos é fundamental para os processos iniciais do bebê, e para que a integração das variadas experiências vividas dê início ao sentimento de *Self*, ou seja, *de ser uma pessoa e de ser ele mesmo*. Como há variação de processos entre as diferentes díades mãe-bebê em termos culturais e também psicossomáticos, é entre os 2 e 5 anos de idade que o bebê está pronto para iniciar suas experiências com a realidade objetivamente percebida, pois então já tem o sentimento de *Self* estabelecido. Nesta fase as experiências pulsionais passam a se organizar psiquicamente, já que antes não há subjetividade suficientemente integrada para apoiar este processo. Desta forma, e resumidamente, podemos dizer que antes o bebê precisa ter a experiência de *ser*, para a seguir *fazer*. Primeiro, portanto, a identidade sujeito-objeto, ou a *mutualidade mãe-bebê* estabelece o *sentimento de ser*, para que em seguida se estabeleça o *aspecto pulsional das relações de objeto*, que está relacionada ao *fazer*.

Desta forma, as experiências estéticas de ouvir e emitir sons serão constitutivas da subjetividade, para que depois seja possível pensar nos sons como linguagem e mesmo na voz como objeto pulsional, ou como implicada psiquicamente com o desejo.

4. Necessidade e Desejo

Françoise Dolto observou que os bebês que regurgitam muito podem estar confundindo faringe e laringe em suas funções básicas, que são, respectivamente a necessidade e o desejo. Regurgitam para chamar a mãe (desejo), mas nesta situação acabam por perder o alimento (necessidade).

A laringe como lugar do desejo, e do apelo para a completude, no entanto, só pode acontecer em tempo posterior, já que, de acordo com Winnicott, a princípio só há *necessidades* a serem satisfeitas pela provisão ambiental que é a mãe. O *desejo* é uma relação simbólica que pode ser constituída apenas quando um sentimento de *Self* já se encontra presente.

Podemos agora retornar às implicações clínico-terapêuticas a partir da perspectiva oferecida por Winnicott. O manejo clínico fonoaudiológico com problemas de voz

supõe uma variedade de técnicas que são oferecidas ao paciente para que ele possa organizar e mesmo adaptar sua expressão vocal. No entanto, muitas destas técnicas são vividas apenas exteriormente, pois o paciente não se sente capaz de integrar tais conhecimentos em sua vida. Assim, um exercício respiratório pode levar o paciente a um estado de sofrimento, ou pode ser percebido como intrusão em sua corporalidade, o que faz com que se negue a realizá-lo. Talvez o que seja preciso estabelecer aqui é a *percepção estética* de suas vias respiratórias, retomar as funções imaginativas sobre o *soma* que, quem sabe, ficaram perdidas por falhas na função materna primária. Deste ponto de vista, será necessário mediar o contato do paciente com seu próprio corpo, propondo técnicas que atendam às suas *necessidades, sustentando a experiência* de cada proposta: um som emitido, uma inspiração costo-diafragmática, uma expiração mais alongada, a percepção do caminho do ar até os pulmões, por exemplo. Sustentar com o paciente a experiência da voz, em suma, é também acolher seus desconfortos, seus limites, suas próprias observações, suas descobertas. E buscar novas formas, sempre, como resposta ao que se escutou das demandas. A técnica só pode ser adequada ao paciente se sustentada pela compreensão que vai se constituindo através da escuta das demandas do paciente no *setting* terapêutico. Neste ponto estamos nos referindo às necessidades do paciente e ao manejo clínico cuidadoso do terapeuta para acolhê-las e possibilitar sua transformação através da experiência sustentada da voz, tanto em seus aspectos *orgânico-estéticos*, como em seus aspectos *discursivos*. A sustentação da experiência se dá pela disponibilidade de *escuta* do terapeuta, escuta esta que se faz através da transferência, o que lhe permite distinguir e prover ao paciente percursos que possam atender às suas necessidades estéticas ou de reconhecimento de conflitos psíquicos e de destinos do desejo, através do aspecto discursivo da voz. Esta diferenciação entre *necessidade* e *desejo* se faz necessária, uma vez que *as necessidades podem ser reconhecidas e em certo sentido supridas, mas não o desejo*. As necessidades podem ser supridas pelo manejo cuidadoso das técnicas que são disponibilizadas a partir da compreensão das demandas singulares de cada paciente. Quanto ao desejo, este precisa ser reconhecido, elaborado e simbolizado, principalmente quando os sintomas na voz expressam conflitos psíquicos como os que Freud há tanto tempo abordou em

seus *Estudos sobre a Histeria*. Para tanto, é importante que o terapeuta fique atento ao que escuta do discurso e dos modos expressivos de seu paciente, de forma a não confundir desejo e necessidade e que, por fim, transfira tal confusão ao seu paciente, tentando suprir o que não pode e não deve ser suprido, mas elaborado e transformado simbolicamente.

5. A terapia da Voz

Desta forma, podemos pensar que as implicações da reflexão da voz sob a perspectiva da subjetividade trazem à luz a importância de considerarmos os aspectos estéticos e psíquicos, as fantasias conscientes e também inconscientes a respeito dos problemas de voz. Não podemos apenas reconhecer a realidade psíquica nas fantasias conscientes e inconscientes do paciente nas questões de voz nomeadas como psicogênicas, mas será necessário também pesquisar a possível interferência de tais fantasias em todos os casos em que os sintomas vocais fazem questão para a clínica fonoaudiológica. Assim, também nas disfonias orgânicas, orgânico-funcionais ou primordialmente funcionais há sempre uma pessoa inteira, ou toda uma subjetividade que busca acolhimento para aquilo que na voz faz sofrer. E tal sofrimento é sempre de ordem relacional, pois é próprio da voz o chamado, o apelo para o outro, como inscrito na origem latina da palavra: *Vox*.

Freud discute o sofrimento humano no artigo “O Mal-Estar na Civilização”, afirmando que a infelicidade nos ameaça a partir de três direções: “de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro. Tendemos a encará-lo como uma espécie de acréscimo gratuito, embora ele não possa ser menos fatidicamente inevitável do que o sofrimento oriundo de outras fontes”.

Portanto é necessário, mesmo em presença de problemas vocais de ordem predominantemente orgânica, buscarmos compreender as interferências e implicações dos vários aspectos que integram a subjetividade na terapia dos problemas de voz. Pensar a subjetividade é sempre pensar as relações intersubjetivas que a compõe e que concorrem, ao longo da vida, para que tal subjetividade seja compreendida como em constante processo de subjetivação.

Bibliografia:

ABRAM, J. *A Linguagem de Winnicott: Dicionário das Palavras e Expressões Utilizadas*

por Donald W. Winnicott. Trad. Marcelo Del Grande da Silva. Rio de Janeiro, Revinter, 2000.

BENJAMIN, W. *Origem do Drama Barroco Alemão*. Trad., apr. e notas: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1984.

DOLTO, F. *No Jogo do Desejo: ensaios clínicos*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo, Ática, 1996.

FREUD, S. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 2000.

SAFRA, G. *A Face estética do Self: teoria e clínica*. São Paulo, Unimarco, 1999.

WINNICOTT, D.W. *Natureza Humana*. Tra. Davi L. Bogomoletz. Rio de Janeiro, Imago, 1990.